



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À ROMÉLIA

[7-9 DE MAIO DE 1999]

**ENCONTRO DO SANTO PADRE
COM SUA BEATITUDE TEOCTISTO
E COM OS MEMBROS DO SANTO SÍNODO**

Sábado, 8 de Maio de 1999

*Beatitude,
Venerados Metropolitanos e Bispos do Santo Sínodo
da Igreja Ortodoxa Romena.
Senhor Presidente da Roménia,
Senhoras e Senhores,
Queridos amigos*

1. Uma passagem evangélica apresentou-se com frequência ao meu espírito enquanto me preparava para este encontro tão desejado: a do Apóstolo André, vosso primeiro evangelizador, que, cheio de entusiasmo, se apresenta ao seu irmão Pedro para lhe anunciar a clamorosa boa nova: «*Encontrámos o Messias (que quer dizer Cristo)!*» (Jo 1, 41). Esta descoberta mudou a vida dos dois irmãos: deixaram as próprias redes e tornaram-se «*pescadores de homens*» (Mt 4, 19) e, depois de terem sido transformados interiormente pelo Espírito do Pentecostes, puseram-se a caminho pelas estradas do mundo para levar a todos o anúncio da salvação. Outros discípulos continuaram a obra evangélica por eles empreendida, convidando as nações à salvação e «*baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*» (Mt 28, 19).

Beatitude, venerados Irmãos no episcopado, somos os filhos desta evangelização. Também nós recebemos este anúncio, também nós fomos remidos em Cristo. Encontramo-nos hoje aqui, graças a um desígnio de ternura da Santíssima Trindade que, na vigília do Grande Jubileu, quis conceder-nos, a nós sucessores destes Apóstolos, a graça de recordar o encontro deles. A Igreja

cresceu e difundiu-se no mundo; o Evangelho fecundou as culturas. Também aqui, nesta terra da Roménia, tesouros de santidade, de fidelidade cristã adquirida às vezes à custa da vida, tornaram mais precioso aquele templo espiritual que é a Igreja. Neste dia, nós damos graças a Deus.

2. A emoção suscitada pela vossa visita, Beatitude, à cidade dos Santos Pedro e Paulo, os Corifeus dos Apóstolos, está sempre viva no meu espírito. Conservo uma recordação comovedora desse encontro, que teve lugar em tempos difíceis para a vossa Igreja. Sou eu agora, peregrino da caridade, que presto homenagem a esta terra impregnada do sangue dos mártires antigos e recentes, que «lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro» (Ap 7, 14). Venho ao encontro de um povo que acolheu o Evangelho, que o assimilou e o defendeu dos repetidos ataques, considerando-o parte integrante do seu património cultural.

Trata-se de uma cultura elaborada pacientemente, em continuidade com a herança da Roma antiga, numa tradição de santidade que teve origem nas celas de inúmeros monges e monjas, que consagraram o seu tempo a cantar os louvores de Deus e a manter os braços alçados, como Moisés, para a oração, a fim de que fosse ganha a batalha pacífica da fé, em benefício das populações desta terra. A mensagem evangélica chegou assim até à mesa dos intelectuais, muitos dos quais, mediante o seu carisma, contribuíram para promover a sua assimilação por parte das novas gerações romenas, empenhadas na construção do seu futuro.

Beatitude, vim aqui como peregrino para dizer quanto toda a Igreja católica vos está próxima com afecto, no esforço dos Bispos, do clero e dos fiéis da Igreja Católica Romana, no momento em que um milénio está a terminar e outro se apresenta no horizonte. Estou próximo de vós, e é com estima e admiração que vos apoio no programa de renovação eclesial, que o Santo Sínodo empreendeu nos sectores tão essenciais, como a formação teológica e catequética, para fazer desenvolver de novo a alma cristã, que forma um todo com a vossa história. Nesta obra de renovação abençoada por Deus, saiba, Beatitude, que os católicos estão ao lado dos seus irmãos ortodoxos, através da oração e da sua disponibilidade a qualquer colaboração útil. O único Evangelho espera ser anunciado por todos, no amor e na estima recíproca. Muitos sectores se abrem diante de nós para uma tarefa que envolve todos nós, no respeito mútuo e no desejo partilhado de sermos úteis à humanidade, pela qual o Filho de Deus ofereceu a própria vida! O testemunho comum é um poderoso meio de evangelização. A divisão, ao contrário, marca a vitória das trevas sobre a luz.

3. Beatitude, nós dois, na nossa história pessoal, vimos as cadeias e experimentámos a opressão de uma ideologia que queria extirpar, da alma dos nossos povos, a fé no Senhor Jesus Cristo. Contudo, as portas do inferno não prevaleceram sobre a Igreja, Esposa do Cordeiro. Foi Ele, o Cordeiro imolado e glorioso, que nos sustentou no desespero e, agora, nos permite entoar o cântico da liberdade reencontrada. Foi Ele, a quem um dos vossos teólogos contemporâneos chamou «o restaurador do homem», Aquele que cura o homem doente e o reergue após a longa submissão ao pesado fardo da escravidão. Depois de tantos anos de violência, de repressão da

liberdade, a Igreja pode derramar sobre as feridas do homem o bálsamo da graça e curá-lo em nome de Cristo, dizendo como Pedro ao coxo: «*Não tenho ouro nem prata, mas vou dar-te o que tenho: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda*» (Act 3, 6). A Igreja não se cansa de exortar, de suplicar que os homens e as mulheres do nosso tempo se levantem, retomem o seu caminho rumo ao Pai e se deixem reconciliar com Deus. Esta é a primeira caridade que a humanidade espera de nós: o anúncio evangélico e o renascimento mediante os sacramentos, que se prolongam no serviço aos irmãos.

Beatitude, vim contemplar o Rosto de Cristo esculpido na vossa Igreja; vim venerar este Rosto sofredor, penhor duma esperança renovada. A vossa Igreja, consciente de ter «encontrado o Messias», esforça-se por conduzir os seus filhos e todos os homens, que procuram Deus, a encontrarem-n'O com um coração sincero; fá-lo mediante a celebração solene da divina Liturgia e a acção pastoral quotidiana. Este empenho coincide com a vossa tradição, tão rica de figuras que souberam unir uma profunda vida em Cristo com um generoso serviço aos necessitados; um empenho apaixonado no estudo com uma incansável solicitude pastoral. Desejaria recordar aqui o santo monge e bispo Callinicos de Tchernica, tão próximo ao coração dos fiéis de Bucareste.

4. Beatitude, caros Irmãos Bispos, o nosso encontro tem lugar no dia em que a liturgia bizantina celebra a festa do Santo Apóstolo e Evangelista João, o Teólogo. Quem melhor do que ele, que foi intensamente amado pelo Mestre, nos pode comunicar esta viva experiência de amor? Eis aquela que, nas suas cartas, parece ser a síntese da sua vida, a palavra que, na velhice, quando desaparece o que é supérfluo, lhe restava para indicar a sua experiência pessoal: «*Deus é Amor*». É aquilo que ele contemplara ao pousar a sua cabeça no coração de Jesus e ao elevar o olhar para o Seu lado trespassado, de onde saíam a água do Baptismo e o Sangue da Eucaristia. Esta experiência do amor de Deus não só nos convida, mas, eu diria, nos obriga docemente ao amor, síntese única e autêntica da fé cristã.

«*A caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não se ufana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*» (1 Cor 13, 4-7). São estas as palavras dirigidas pelo Apóstolo Paulo a uma comunidade atormentada por conflitos e tensões; são palavras válidas para todos os tempos. Bem sabemos que estas palavras são hoje dirigidas, antes de tudo, a nós. Elas não servem para recriminar o erro do outro, mas para desmascarar o nosso, o de cada um de nós. Conhecemos oposições, recriminações, reticências interiores e fechamentos recíprocos. Contudo, ambos somos testemunhas do facto que, apesar destas divisões, no momento da grande provação, quando as nossas Igrejas pareciam abaladas até aos seus fundamentos, também aqui, nesta terra da Roménia, os mártires e os confesores souberam glorificar o nome de Deus com um só coração e uma só alma. Precisamente considerando a obra maravilhosa do Espírito, incompreensível à lógica humana, a nossa debilidade encontra a própria força e o coração adquire de novo coragem e confiança no meio das dificuldades da situação presente.

5. Rejubilo por ter sido possível iniciar de maneira concreta aqui, na Roménia, um diálogo fraterno sobre os problemas que ainda nos dividem. A Igreja greco-católica da Roménia sofreu nestas últimas décadas uma violenta repressão, os seus direitos foram vilipendiados e violados. Os seus filhos sofreram muito, alguns até ao testemunho supremo do sangue. O fim da perseguição restabeleceu a liberdade, mas o problema das estruturas eclesiais ainda espera uma solução definitiva. Que o diálogo seja o caminho para curar as feridas ainda abertas e resolver as dificuldades que ainda subsistem! A vitória da caridade será um exemplo não só para as Igrejas, mas para toda a sociedade. Oro a Deus, Pai da misericórdia e fonte da paz, para que o amor, recebido e dado, seja o sinal pelo qual os cristãos são reconhecidos como fiéis ao seu Senhor.

As Igrejas ortodoxas e a Igreja católica percorreram um longo caminho de reconciliação: quero exprimir a Deus a minha gratidão comovida e profunda por tudo o que foi realizado, e desejo agradecer-vos, venerados Irmãos em Cristo, os esforços que tendes prodigalizado neste caminho. Não chegou agora o momento de retomar com resolução a pesquisa teológica, sustentada pela oração e pela boa vontade de todos os fiéis, ortodoxos e católicos?

Deus sabe quanto o nosso mundo, e também a nossa Europa, que esperamos livre de lutas fratricidas, têm necessidade de um testemunho de amor fraterno, que prevaleça sobre o ódio e sobre as discórdias e que abra os corações à reconciliação! Onde estão as nossas Igrejas quando o diálogo se cala e as armas fazem ouvir a sua linguagem de morte? Como educar os nossos fiéis para a lógica das bem-aventuranças, tão diferente do modo de raciocinar dos poderosos deste mundo?

Beatitude, caros Irmãos no episcopado, procuremos dar de novo uma unidade visível à Igreja, caso contrário este mundo será privado de um testemunho que só os discípulos do Filho de Deus, morto e ressuscitado por amor, podem oferecer-lhe para o levar a abrir-se à fé (cf. *Jo 17, 21*). E o que pode impelir os homens de hoje a crer n'Ele, se continuamos a rasgar a túnica inconsútil da Igreja, se não nos reunimos para obter de Deus o milagre da unidade, trabalhando para eliminar os obstáculos que impedem a sua plena manifestação? Quem nos perdoará esta falta de testemunho? Tenho procurado a unidade com todas as minhas forças e continuarei a prodigalizar-me até ao fim, para que ela esteja entre as preocupações prioritárias das Igrejas e daqueles que as governam mediante o ministério apostólico.

6. Na vossa terra existem numerosos mosteiros, como o de São Nicodemos de Tismana, escondido nas montanhas e entre os bosques, onde bate o coração da oração incessante, da invocação do Santo Nome de Jesus. Graças a Pasy Velitchkovsky e aos seus discípulos, a Moldávia tornou-se o centro de uma renovação monástica, que se difundiu nos países vizinhos no final do século XVIII e também depois. A vida monástica, que jamais faltou, mesmo no tempo das perseguições, ofereceu e ainda oferece personalidades de grande estatura espiritual, à volta das quais surgiu, nestes últimos anos, um promissor florescimento de vocações.

Os conventos, as igrejas cobertas de afrescos, os ícones, os ornamentos litúrgicos, os manuscritos, são não só as jóias da vossa cultura mas também testemunhos comoventes de fé cristã, duma fé cristã vivida. Este património artístico, nascido da oração dos monges e das monjas, dos artesãos e dos camponeses inspirados pela beleza da liturgia bizantina, constitui uma contribuição particularmente significativa para o diálogo entre o Oriente e o Ocidente, assim como para o renascimento da fraternidade, que o Espírito Santo suscita em nós, no limiar de um novo milénio. A vossa terra da Roménia, entre a *Latinitas* e Bizâncio, pode tornar-se terra de encontro e de comunhão. Ela é atravessada pelo majestoso Danúbio, que banha regiões do Oriente e do Ocidente: saiba a Roménia, como este rio, criar relações de entendimento e de comunhão entre povos diferentes, contribuindo assim para consolidar na Europa e no mundo a civilização do amor!

7. Beatitude, caros Padres do Santo Sínodo, apenas poucos dias nos separam do início do terceiro milénio da era cristã. Os homens, na sua expectativa, têm os olhos fixos em nós. Estão atentos para ouvir de nós, mais ainda da nossa vida do que das nossas palavras, o anúncio antigo: «*Encontrámos o Messias*». Eles querem ver se também nós somos capazes de deixar as redes do nosso orgulho e dos nossos temores, para «anunciar um ano da graça do Senhor».

Cruzaremos este limiar com os nossos mártires, com todos aqueles que deram a própria vida pela fé: ortodoxos, católicos, anglicanos, protestantes. Desde sempre o sangue dos mártires é uma semente que dá vida a novos fiéis de Cristo. Mas para o fazer, devemos morrer para nós mesmos, sepultar o homem velho nas águas da regeneração e ressuscitar como criaturas novas. Não podemos deixar de dar atenção ao apelo de Cristo e às expectativas do mundo, nem deixar de unir as nossas vozes a fim de que ressoe ainda mais a palavra eterna de Cristo para as novas gerações.

Obrigado por terdes querido ser a primeira Igreja ortodoxa que convidou ao vosso país o Papa de Roma; obrigado por me terdes dado a alegria deste encontro fraterno; obrigado pelo dom desta peregrinação, que me permitiu revigorar a minha fé em contacto com a fé de fervorosos irmãos em Cristo!

«*Vinde, caminhemos juntos na luz do Senhor!*». A Ele, honra e glória pelos séculos dos séculos! Amém.